

PORTUGAL 4 – NOVAMENTE SOBRE A CRISE

Nosso amigo Dióres pediu-nos uma avaliação sobre a crise em Portugal, algo assim, disse ele, “à altura de um intelectual”. Acho que pediu demais (independentemente do juízo de sermos ou não intelectuais), porque, para entender uma crise num país, não é suficiente saber dos elementos conjunturais da economia, é preciso conhecer sobre as estruturas políticas, sociais e culturais de uma dada formação.

Ficar, apenas, na conjuntura, seria mais fácil, porque sabemos dos ajustes que a União Européia está sendo obrigada a fazer, frente à crise estadunidense, temos conhecimento do aumento da presença da China na economia internacional e podemos supor o que europeus têm que enfrentar (o maior de seus dragões, o mais pesado entre seus próprios fantasmas): *a política de bem estar social*, que se implantou no pós-guerra, nos chamados trinta anos gloriosos, cujos custos são muito elevados, para a Europa atual, num período em que a competitividade entre empresas, cidades, países e subcontinentes é a palavra de ordem.

Num território como o da União Européia, estamos falando especificamente de Portugal, um país pequeno, em território e em tamanho demográfico (o que significa um mercado diminuto), cujas políticas de desenvolvimento e equiparação ao “padrão europeu” são muito recentes. Ele, a Espanha e a Grécia, para citar três exemplos, são os mais atingidos no quadro atual.

No entanto, é preciso conhecer a “alma” de uma sociedade e do território que ela ocupa e transforma, para entender como reagem à crise, tanto do ponto de vista objetivo, como do ponto de vista subjetivo. Por isso, fico imaginando que a crise, na Grécia, na Espanha ou em Portugal, tem matizes muito diferentes que vão além das determinantes econômicas que a explicam.

Os portugueses são nostálgicos e, embora pareçam muitas vezes ingênuos e otimistas, têm um coração saudoso. Quando olham para si, para seu próprio futuro, têm consigo uma perspectiva que poderia ser traduzida assim: “Acho que pode não dar certo. É o nosso destino!”.

Suas paisagens, mais para os tons amarronzados, suas belas oliveiras com seus caules retorcidos, seus rios encaixados em vales distantes, seu solo muitas vezes pedregoso, sua aldeias de pedra, sua gente com os traços duros, suas mulheres com poucas curvas devem alimentar esse ‘espírito’.

Nisso, nós brasileiros somos justo o oposto deles: quando uma análise fria e racional indica que não é possível ser, estamos confiantes sobre nosso futuro de sucesso e abundância, como nossas matas verdejantes e nossos rios caudalosos, porque nossa Geografia assim nos ensina.

Portugal, ao contrário, é um país que olha mais para o passado do que para o futuro, inseguro que está numa Europa em que não ocupa mais o papel de grande império colonial que tinham nos séculos XVI e XVII, por isso entender a crise deste país e a reação dos portugueses a ela, exige observar seu próprio passado, sua história que, assim me parece, funciona em círculos.

Rui Jacinto disse-nos que há um verso muito conhecido em Portugal, que diz mais ou menos o seguinte: “Nós somos ciganos, há sempre um de nós por aí”. Assim, é ele quem considera que o grande e o principal sintoma da crise e dos períodos de euforia são os movimentos migratórios.

Nos anos de 1960, mais de um milhão de portugueses emigraram para outros países da Europa, sobretudo a França. Era, geralmente, gente pouco qualificada profissionalmente, mas que, trabalhando duro em serviços de limpeza, como motoristas ou em pequenos comércios, foi capaz de ser fonte importante de entrada de dinheiro em Portugal, nas décadas subseqüentes. Não apenas enviavam dinheiro para suas

famílias, mas depois foram responsáveis por alimentar a produção imobiliária, porque muitas vezes construíram casas em suas cidades ou aldeias de origem, com a perspectiva da volta, no futuro, por ocasião da aposentadoria. No interior do país, na faixa mais próxima à fronteira com a Espanha, estão os pequenos aglomerados, muitos deles de vida rural, de onde saiu essa gente. Muitos não voltaram, porque seus filhos cresceram, casaram e tiveram filhos nos países para os quais foram e essas casas, hoje são, por vezes, ocupadas apenas nos períodos de férias.

Nos anos de 1970, Portugal foi um país de imigração. Recebeu, de volta, portugueses e seus descendentes que estavam nas colônias africanas as quais passaram por guerras civis e por processos revolucionários. Grande parte voltou de Angola e Moçambique. A cifra aproxima-se de 500 mil portugueses. Não era, talvez, um momento bom para receber mais gente, mas não havia como não acolher os que voltam numa situação de crise política tão grave.

Os anos de 1980 foram de poucos acontecimentos em termos de movimentos populacionais, mas na década seguinte, a de 1990, Portugal começou a viver grande euforia, que se prolongou pelo começo do atual século, apoiada nos aportes da União Européia, que aqueceram o mercado de trabalho com os investimentos na implantação de infraestruturas, sobretudo autoestradas, na recuperação do patrimônio histórico, na ampliação das condições para o turismo etc.

As principais levas de imigrantes eram provenientes dos países do Leste Europeu, após a queda do muro de Berlim. Eram médicos, engenheiros, professores que estavam dispostos a trabalhar em serviços de menor grau de exigência, em termos de formação, para ter a oportunidade de viver na Europa Ocidental, ter salário e uma perspectiva de futuro com mais conforto material.

Com qualificação e menor nível, o segundo grupo de imigrados eram brasileiros, muito bem vindos para trabalhar em serviços de turismo, uma vez que a facilidade da língua e a extroversão do nosso povo caem muito bem neste ramo de atividade.

A grande nova tendência que teve início desde a crise estadunidense de 2009, mas que se agravou ainda mais em 2011, com os ajustes na economia e nas políticas públicas, a que se viu obrigado o Estado português, é, novamente, a da saída dos portugueses do país, como se eles tivessem que voltar à sua própria sina, há vários séculos: partir e viajar. A novidade é que agora saem portugueses qualificados, formados nas universidades daqui, com especialização, mestrado e muitas vezes doutorado, feito aqui ou na Alemanha ou nos Estados Unidos.

Já saiu mais de um milhão de habitantes. O destino principal parece que tem sido, em termos de União Européia, a Alemanha e a Inglaterra. Grandes levas têm preferido os países africanos, de língua portuguesa, sobretudo Angola que está crescendo quase 10% ao ano. O Brasil também é visto como um país de grandes oportunidades e uma das revistas semanais de Portugal trouxe, como matéria de capa, histórias de portugueses que foram para o Brasil (a maioria para o Rio de Janeiro) e que estão se saindo bem nos setores de hotelaria, mercado de ações, *marketing* e outros.

Hoje, dia 21 de janeiro, estamos na Guarda e, no início de uma reunião no Centro de Estudos Ibéricos, tivemos a oportunidade de conhecer um professor da área de História, Jaime Ferreira, que afirmou: "Portugal, seu destino é a viagem!". Disse isso a Eda e a mim, depois de frisar que o futuro deste pequeno país está no Brasil.

Muitas interpretações são possíveis para esta frase. Como ele é um senhor muito simpático e com um espírito de humor refinado, minha primeira interpretação foi a de que ele reconheceria que o Brasil está

bem, muito melhor que Portugal e os nossos traços de identidade, entre eles a língua, facilitaria a opção dos portugueses em relação ao nosso país.

Entretanto, esta interpretação pode ser apimentada com novos ingredientes e podemos supor que haveria por trás dela a convicção de que, afinal, se foi colônia portuguesa, caberia ao Brasil, agora, oferecer as oportunidades a seus patriotas – nossos pais. São especulações.

O que importa, aqui, deste pequeno acontecimento é que ele reforça a minha percepção de que há uma tendência geral de se falar sobre a crise e de se propor soluções a ela, que não são encontradas no próprio país, mas ao contrário, vislumbradas fora dele. Este senhor acabara de nos ser apresentado e, ao saber que éramos brasileiros, entrou no assunto da crise de Portugal e nas possibilidades de um futuro português além do Atlântico...., como em 1500, mas agora de outro modo e em outras circunstâncias.

Uma conversa aqui, outra ali, e vem novo ponto, fortemente associado à crise, qual seja houve grande ampliação do consumo em Portugal, nos últimos 15 anos: maior apreço para a compra de bens duráveis, roupas e sapatos de marca, parafernália de todo tipo e, incluso, de a classe média fazer férias mais sofisticadas do que as que faziam antes. Ao invés do Algarve ou da Madeira, os portugueses passaram às viagens internacionais, muitas vezes financiadas por seis meses ou um ano.

As notícias sobre a crise, que a imprensa alardeia diariamente, vêm acompanhadas de medidas tributárias e retomada do crescimento da taxa de desemprego. O resultado é um breque abrupto no consumo. Os pacotes de viagem internacionais, voltando ao tema, deixaram de ser os preferidos, pelo que se diz por aqui. As lojas que estão, em janeiro e fevereiro, no tradicional período de saldos, quando ficam sempre

cheias, estão completamente vazias. As rodovias por onde passamos estão bem pouco movimentadas. No restaurante em que almoçamos em Foz de Côa, o garçom conta que o movimento caiu muito. Fregueses tradicionais que vinham frequentemente, a partir de dezembro, já avisaram que parariam por um tempo. Acrescentou este garçom que outros restaurantes da região, quando perceberam, nos últimos dez anos, a ampliação da demanda, em função do crescimento dos hábitos de consumo, haviam aumentado os preços do cardápio e, agora, viam-se obrigados a retornar aos patamares anteriores. O aumento do IVA (imposto) que foi repassado para os cardápios, tem sido agora descontado dos preços, havendo clara diminuição dos lucros, para evitar a perda de freguesia.

Há um ar de estagnação que paira no ar. O tom dos comentários é sempre de que os portugueses teriam ido além do que poderiam ou deveriam e que, agora, a crise tem que ser enfrentada com sacrifícios. Isabel Boura disse que o que mais a incomoda é a resignação com que a sociedade enfrenta as medidas anticrise, sem ao menos perguntar se elas terão ou não efeitos, se elas são ou não suficientes para aplacar o dragão que ameaça a União Européia, especialmente seus filhos mais pobres.

No hotel em que estamos hospedados em Guarda, o Residencial Santos, uma construção interessante que se instalou aproveitando as largas paredes da muralha da cidade medieval, a proprietária, Dona Clara, que toca o estabelecimento com o marido, um filho e dois funcionários (são cerca de 30 apartamentos) contou-nos sobre o *Réveillon*. Segundo ela, é uma festa que, na cidade, sempre atrai turistas e que, na passagem 2011 – 2012, foi um insucesso, pois ela, sequer, conseguiu locar todos os apartamentos. Em janeiro, nos anos anteriores, tinha sempre o hotel já lotado para o Carnaval e, para este ano, nenhuma reserva foi feita até agora. A crise é grande, mas o medo dela é maior e isso se reflete numa postura de cortes intensos em todos

os tipos gastos públicos, da parte do Estado, e de prazeres e supérfluos, da parte da Sociedade.

Como já registrei em outra parte deste “diário”, no ano de 2011, os servidores públicos tiveram um corte de 10%, em média, nos salários. De fato, os cortes variaram de 6 a 14%, conforme as faixas de ganho. Também, tiveram um corte de 50% no 14º. Salário (o que no Brasil é o 13º.). Agora em janeiro, já consciente de que a crise se aprofundará, o governo anunciou que manterá o corte salarial (ou seja, não há perspectivas de se reaver o que se perdeu) e, além disso, ninguém, entre os servidores públicos, receberá o 13º. (é pago em julho como um *plus* para as férias) e, tampouco, o 14º. (pago em novembro para as festas de fim do ano).

Como a proporção dos que recebem do Estado é grande, há um terço do país que são aposentados e há gente que trabalha para estes (empregadas domésticas e outros tipos de serviços), é possível imaginar o impacto destes cortes sobre o consumo, como se houvesse uma bola de neve difícil de ser interrompida ladeira abaixo. As medidas são necessárias, mas elas alimentarão mais ainda a crise.

Há exceções, evidentemente. Gente criativa que procura investir em novas áreas, inovar e adaptar seus produtos – bens e serviços – às demandas possíveis, segundo os nichos em que elas se organizam, num período de retração da demanda.

Visitamos hoje a aldeia chamada Marialva, na Beira Alta, porção leste da grande região Beiras, em que um casal de empresários está recuperando as casas de pedra, praticamente todas abandonadas, preparando-as para receber turistas de alto poder aquisitivo para fazer turismo rural. Em média, os apartamentos custam entre 200 e 250 euros, o que é um preço alto para o padrão que estamos observando de pernoites em Portugal. Em Linhares, pequena aldeia em que um pequeno palácio foi recuperado para hotel, que está muito bem

ambientado e mobiliado, a diária durante a semana é 50 euros e, no final de semana, 58 euros.

A iniciativa do casal que está investido em Marialva, além de criar oportunidades de emprego nesta aldeia, em que não há quase mais ninguém vivendo intramuros, foi positiva, do ponto de vista do aproveitamento dos saberes desta gente, que foi incorporada no empreendimento e potencializada nas suas capacidades, o que aumenta a autoestima. As Casas do Coro, como são chamadas, são pequenas casinhas antigas que foram completamente recuperadas, estão finamente decoradas por dentro e são acompanhadas de serviços de alto padrão, no atendimento de apoio e limpeza, bem como na culinária.

É provável que o alto investimento feito não retorne rapidamente, como desejaria um empresário brasileiro, mas tem grande futuro. Inicialmente, o projeto foi apoiado pela União Europeia (nos bons tempos), o que possibilitou recuperar cinco casinhas, mas depois este casal (que mora no centro histórico de Guarda, numa casa antiga também maravilhosamente recuperada) continua seus investimentos e, hoje, em Marialva, há muito mais coisa feita por eles (apartamentos ecológicos nas encostas das montanhas, loja de produtos da região, com embalagens refinadas etc).

São essas algumas das facetas da crise que se instalou no território e na alma portuguesa.